

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO PEDAGOGIA LICENCIATURA PLENA**

Letícia Silveira da Silveira

GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MEDIAÇÕES DOCENTES

Santa Maria, RS
2018

Letícia Silveira da Silveira

GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MEDIAÇÕES DOCENTES

Trabalho de conclusão de curso. Apresentado no Curso de Graduação em Pedagogia Licenciatura Plena Diurno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção de **Grau de Licenciatura em Pedagogia**.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo Tavares da Silveira

SANTA MARIA, RS,
2018

Letícia Silveira da Silveira

GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MEDIAÇÕES DOCENTES

Trabalho de conclusão de curso. Apresentado no Curso de Graduação em Pedagogia Licenciatura Plena Diurno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção de **Grau de Licenciatura em Pedagogia**.

Aprovado em 13 de dezembro de 2018:

Paulo Ricardo Tavares da Silveira, Dr. (UFSM)
(Presidente/ Orientador)

Marcia Paixão, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho se deu pela contribuição de várias pessoas de forma direta ou indiretamente. Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a conclusão deste trabalho, mas em especial, agradeço:

- ao meu Orientador Paulo Ricardo Tavares da Silveira, que em momento algum hesitou em me orientar neste trabalho de conclusão de curso. Sempre com sua calma, dedicação e conhecimento desenvolveu da melhor forma possível o seu papel de orientador;

- a Gestão e professoras da EMEI Borges de Medeiros, que me receberam com muito carinho para desenvolver a pesquisa do referido trabalho.

- a toda equipe do Centro de Educação que durante o curso nos apoiam e nos mediam da melhor forma possível.

Enfim, ficam registrados aqui os meus agradecimentos as todas pessoas que se fizeram presentes em minha vida durante o período de estudo, pesquisa e conclusão deste trabalho.

*Ninguém educa ninguém,
ninguém educa a si mesmo, os
homens se educam entre si,
mediatizados pelo mundo.*

(Paulo Freire)

RESUMO

GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MEDIAÇÕES DOCENTES

Autoria: Letícia Silveira da Silveira
Orientador: Paulo Ricardo Tavares da Silveira

Este trabalho de conclusão de curso apresenta reflexões sobre Educação, Educação Infantil e Gênero. É fruto de uma pesquisa qualitativa. A pesquisa foi realizada em forma de entrevista semiestruturada. Foram entrevistadas seis professoras de uma escola Municipal de Santa Maria. A pesquisa possuía como objetivo geral compreender como são mediadas com as crianças da Educação Infantil as questões de gênero no ambiente escolar. Neste sentido, das seis entrevistadas, cinco mencionaram que suas concepções a respeito da palavra gênero lhes sugerem uma questão biológica. Desta maneira, com as análises dos dados das entrevistas podemos concluir que as professoras entrevistadas possuem em confusão conceitual a respeito das questões de gênero e que as mesmas estão em um processo de construção de conhecimento sobre esta temática, mas mesmo assim as professoras desenvolvem mediações com suas crianças quando surgem questões de gênero nos seus cotidianos. Essas mediações são realizadas através de diálogo que visam desconstruir os estereótipos que a sociedade cria a respeito das situações que envolvem questões de gênero. Uma das entrevistadas mencionou que usa as situações a respeito das cores, bonecas e brinquedos, pois são situações e objetos do cotidiano deles. E através deles ela media para que eles desconstruam os estereótipos construídos. Podemos concluir com a reflexão da necessidade da mediação por parte das professoras quando surgem manifestações de estereótipos a respeito das questões de gênero.

Palavras-chave: Gênero, Educação, Educação Infantil.

ABSTRACT

GENDER IN CHILDREN EDUCATION: TEACHING MEDIATIONS

Author: Letícia Silveira da Silveira
Supervisor: Paulo Ricardo Tavares da Silveira

This work of course completion presents reflections on Education, Early Childhood Education and Gender. It is the result of a qualitative research. The research was carried out in the form of a semi-structured interview. Six teachers from a Municipal School of Santa Maria were interviewed. The main objective of the research was to understand how gender issues in the school environment are mediated with the children of Early Childhood Education. In this sense, among the six teachers interviewed, five mentioned that their conceptions about the word gender suggest a biological issue. In this way, with the analysis of interview data, we can conclude that the interviewed teachers have conceptual confusion about gender issues and that they are in a process of building knowledge on this subject. However, teachers develop mediations with their children when issues of gender arise in their daily lives. These mediations are carried out through dialogue aimed at deconstructing the stereotypes that society creates regarding situations involving gender issues. One of the teachers interviewed mentioned that she uses situations regarding colors, dolls and toys, because these are situations and objects of their daily lives. And through the children she mediates so that they deconstruct these stereotypes. We can conclude with this reflection the need for mediation by the teachers when there are manifestations of stereotypes about gender issues.

Keywords: Gender, Education, Early Childhood Education.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

RCNEI- Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

DCNGEB- Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica

EMEI- Escola Municipal de Educação Infantil

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. OBJETIVOS.....	13
2.1 OBJETIVO GERAL.....	13
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
3. METODOLOGIA	14
4. PERSPECTIVA TEÓRICA.....	16
4.1 EDUCAÇÃO	16
4.2 EDUCAÇÃO INFANTIL.....	19
4.3 GÊNERO	23
5. UM OLHAR TEÓRICO SOBRE AS AFIRMAÇÕES.....	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
7. CRONOGRAMA	42
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE	46

1.INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como título, Gênero na Educação Infantil: Mediações docentes. Cujo assunto é Educação, Educação Infantil e Gênero. Desde a infância me questiono sobre a diferenciação que a sociedade faz entre os comportamentos, brincadeiras e profissões de meninos e meninas. Sempre me questionei o porquê que a menina deve ter jeito de sentar e o menino não, o porquê do menino poder jogar bola e a menina não. Meu pai sempre me dizia que a frente da casa não era lugar de guria estar de noite, e que eu deveria saber cozinhar e limpar a casa, enquanto meu irmão cuidava do quintal. Que eu enquanto menina não deveria namorar, já meu irmão não deveria assumir um relacionamento sério cedo, já que era homem.

Pois bem, quero destacar com esses questionamentos e relatos da minha infância que sempre refleti sobre essas falas e percebia que a maioria dos adultos pensava da mesma maneira. Mal sabia eu que isso era uma construção social, que vinha de anos e anos. Confesso que agora compreendo o porquê dessas ações. Sabemos que isso faz parte das relações de poder que o homem exerce sobre a mulher.

Eu cresci e sempre esses questionamentos caminharam no mesmo sentido da minha vida. Quando entrei no estágio extracurricular esses questionamentos aumentaram, pois presenciei inúmeras vezes as situações que relatei que ocorriam na minha infância, mas dessa vez em um ambiente onde em vez de reproduzir esses estereótipos¹ deveria problematiza-los. O ambiente educacional.

Sabemos que as discussões de gênero foram e são negligenciadas na sociedade. Por muitas gerações estas questões não eram discutidas e abordadas. Ao encontro disso Giddens disserta,

O termo gênero foi totalmente negligenciado na sociologia até que o surgimento de um conjunto de estudos feministas empíricos e teóricos a partir da década de 1960 chamou atenção para as tremendas

¹ Estereótipos são generalizações que as pessoas fazem sobre comportamentos ou características de outros. (SIGNIFICADOS)

desigualdades entre os homens e mulheres, até mesmo nas sociedades modernas. (GIDDENS. 2017, p.149)

Neste sentido, podemos perceber que as lutas e os estudos sobre esta temática iniciaram a um bom tempo, mas que até os dias atuais muitas pessoas não pensam em discutir as questões de gênero na escola, pois talvez essas pessoas nem reconheçam determinadas situações, como questões de gênero. Pelo fato de não possuir conhecimento sobre as mesmas. Falar sobre essa temática na escola é uma ação que vai despertar nas crianças desde cedo a criticidade a respeito da igualdade entre homens e mulheres.

Penso que é desde a Educação Infantil que essas discussões devem ocorrer, pois nas pequenas ações da interação com familiares, amigos e com a escola que as crianças constroem suas identidades culturais. As ações das crianças na maioria das vezes são reflexos do ambiente em que vivem, então esse é mais um motivo de não deixarmos de problematizar com as crianças. Porque constata-se que as maiorias das famílias não discutem sobre gênero em casa, e muitas vezes as crianças vivenciam o mesmo que eu presenciava quando criança.

Com base no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, (RCNEI), podemos compreender de uma maneira mais clara que a criança sofre influência do meio em que vive, e dessa forma se não problematizarmos com as mesmas essas questões passarão em branco.

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar. (BRASIL. 1998, p.21).

Neste sentido, podemos refletir sobre as crianças que vivenciam experiências educacionais em ambientes que não problematizam as questões que carregam consigo interpretações e estereótipos a respeito das discussões de gênero. Essas questões se manifestam nos momentos de interação social das crianças. As mesmas acabam não tendo momentos de reflexão e, desta forma, irão reproduzir em seus momentos de interação falas e ações que eles vivenciam e pensam que são corretas. As problematizações podem ocorrer de maneira leve e não de uma forma direta. Podemos aproveitar as falas muitas vezes preconceituosas que as

crianças reproduzem e questionar, problematizar sobre o ocorrido. O que não podemos fazer é deixar passar, pois sabemos que a criança não é uma tabula rasa e compreende tudo, e a mesma interpreta ações das suas referências e reproduz.

Considerando que a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, e é nessa etapa “que as crianças descobrem novos valores, sentimentos, costumes, ocorrendo também o desenvolvimento da autonomia, da identidade e a interação com outras pessoas”, como afirma, Héliça Carla Teixeira (2014, p. 80).

Dessa forma destacamos mais uma vez, que essas problematizações podem começar cedo, pois acredito que a professora deve mediar seu (a) aluno (a) na construção de conceitos tão complexos como esses, já que, sabemos que estamos contribuindo para a construção de um cidadão crítico perante as discussões que a sociedade vivencia.

O interesse de pesquisar esse tema surgiu através dos questionamentos pessoais que percorreram e percorrem ainda a minha construção enquanto docente.

Ao longo do estágio extracurricular. Onde atuei durante um ano e onze meses inúmeras vezes surgiram questionamentos, afirmações, e comentários sobre os estereótipos que foram criados pela sociedade a respeito das questões de gênero. Os mesmos se manifestam em pequenos detalhes da organização dos espaços em que as crianças circulam. O mais comum, é a organização das estantes dos brinquedos. Brinquedos ditos como para meninas em espaço e os ditos como de meninos em outro. Dessa maneira percebi que algumas professoras não aproveitam as situações criadas pelas crianças para tentar desconstruir esses estereótipos que existem sobre as discussões de gênero. Uma discussão que deve sim ser mediada na Educação Infantil.

Dessa forma, penso que é de extrema relevância a minha problematização, pois muito se fala sobre a discussão de gênero na escola, mas pouco se faz. Sabemos que as professoras utilizam no dia a dia da Educação Infantil desenhos animados, filmes, vídeos e muitos outros recursos que são meios de aprendizagem para a criança, já que ela está assistindo um desenho animado e ela está interagindo com o mesmo, e a mensagem que o mesmo passa, aparece como uma verdade. Então ressalto, que a partir desses desenhos podemos desenvolver com as crianças problematizações fantásticas, já que sempre a mocinha é a frágil e o príncipe é o forte, a moça quer casar, e o moço tem que caçar. Nessas animações possuem atividades, comportamentos e situações que são para mulheres e outras

que são para os homens. A partir disso podemos ressaltar o direito de igualdade para homens e mulheres, que ambos podem fazer o que quiserem sem se preocupar com as rotulações e estereótipos.

A razão de realizar essa pesquisa justifica-se pelo fato de buscar saber como são realizadas as mediações com as crianças de Educação Infantil sobre essas questões de gênero, que muitas vezes nem as professoras percebem as intenções subjacentes nos filmes e desenhos infantis que na rotina escolar as crianças assistem, e não ocorrem discussões sobre as temáticas do filme em questão ou diálogos que surgem no cotidiano, ações e atitudes a respeito das relações de gênero. Vejo isso, como uma oportunidade que é deixada de lado. Já que as crianças muitas vezes não possuem em casa uma família aberta a discussões desse tipo, e cabe a escola ter essa iniciativa, e desde cedo na Educação Infantil.

Para dar andamento a pesquisa a questão a ser investigada é: Como ocorrem as mediações a respeito das relações de gênero no contexto da Escola de Educação Infantil?

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Compreender como são mediadas com as crianças da Educação Infantil as questões de gênero no ambiente escolar.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Analisar sobre a necessidade de pensar a Educação Infantil como parte fundamental da Educação Básica.
2. Refletir sobre a urgência da discussão das questões de gênero na escola.
3. Identificar como as professoras abordam as discussões de gênero na Educação Infantil.
4. Refletir sobre os possíveis caminhos do professor de Educação Infantil ao enfrentar as questões de gêneros no cotidiano escolar.

5. Refletir como pode ser realizada no dia a dia da Educação Infantil a mediação do professor quando surgem problemáticas que envolvem a discussão de gênero.

Este trabalho foi organizado da seguinte maneira: Inicialmente com uma introdução, onde mencionamos onde surgiu o interesse de pesquisar por esta temática e também justificamos a necessidade desta pesquisa. Logo, mencionamos os objetivos do trabalho, metodologia que busca esclarecer como a pesquisa foi realizada. Em seguida vem o capítulo, Perspectivas teóricas, onde refletimos sobre: Educação, Educação Infantil e Gênero. Posteriormente vem as análises dos dados da pesquisa e por último uma conclusão final deste trabalho.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa educacional. Onde o foco da pesquisa são as mediações sobre as discussões de gênero na Educação Infantil. A pesquisa teve como objetivo perceber como as profissionais da educação abordam e realizam mediações quando surgem discussões de gênero em sala de aula no contexto educativo da Educação Infantil.

As pesquisas em Educação possuem duas perspectivas. Como cita o Pedagogo Ludwing:

Em educação, é válido dizer que existem dois tipos fundamentais de pesquisa - a quantitativa e a qualitativa. A pesquisa quantitativa tem como pressuposto a separação entre o sujeito investigador e o objeto investigado e faz uso da linguagem matemática na apresentação dos resultados alcançados. A pesquisa qualitativa, por sua vez, leva em conta a junção do sujeito com o objeto e busca fazer uma exposição e elucidação dos significados que as pessoas atribuem a determinados eventos. (LUDWING, 2014, p. 205)

Nessa perspectiva, a pesquisa que desenvolvemos foi qualitativa, como já citado à cima, a mesma visa aproximar a pesquisadora do campo pesquisado.

A respeito da pesquisa qualitativa, Ludke, destaca as características básicas de uma pesquisa qualitativa.

São cinco as características básicas da pesquisa qualitativa, chamada, às vezes, também de naturalística: a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural

como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento ;b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e, e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. (LUDKE 1986, p.44)

Sendo assim, a pesquisa ocorreu em um ambiente educacional. Onde a pesquisadora esteve em contato direto com o campo de estudo. A pesquisa foi desenvolvida através de uma Pesquisa de Campo, pois essa possibilita a pesquisadora estar em contato com o objeto da pesquisa em seu ambiente.

Utilizei os seguintes procedimentos para realizar a pesquisa: primeiramente realizarei uma visita até a instituição, e logo dialoguei e desenvolvi a pesquisa com entrevista semiestruturada. A esse respeito, Silveira (2014, p. 63) menciona, “É aquela em que o pesquisador elabora temáticas mais abrangentes que darão origem aos questionários feito aos entrevistados. ”

As participantes da pesquisa foram professores que atuam com crianças da Educação Infantil. O local da pesquisa, foi uma Escola Municipal de Educação (EMEI). Foi desenvolvida uma entrevista com seis professoras, para buscarmos compreender como elas desenvolvem as mediações quando surgem as questões de gênero. Neste sentido, Silveira (2014, p.60) analisa que a pesquisa em forma de entrevista é compreendida como uma conversa a dois na qual a pesquisadora possui um propósito de obter informações sobre determinado tema.

A pesquisa de campo qualitativa deste trabalho foi desenvolvida na EMEI Borges de Medeiros que se localiza no Bairro Salgado Filho. Zona Norte de Santa Maria. As participantes da pesquisa são concursadas do Município de Santa Maria. A EMEI Borges de Medeiros, possui em seu quadro de professoras dez professoras, uma coordenadora, uma diretora e também um educador especial.

Participaram da pesquisa seis professoras. Entre elas apenas uma possui mestrado e as demais possuem especialização. O tempo de experiência varia entre um, três e nove anos, mas uma delas possui trinta e seis anos de experiência. Inicialmente com formação em magistério e em 1998 concluiu o curso de graduação em Pedagogia. A participante de idade mais nova possui vinte e oito anos e a mais velha, cinquenta e dois anos.

As entrevistas foram realizadas no espaço educacional mencionado. Nesta escola desenvolvi o estágio extracurricular e também o meu estágio supervisionado da Educação Infantil.

As mesmas foram realizadas entre os meses de setembro e outubro. Assim, que as entrevistas iam sendo feitas as mesmas iam sendo transcritas e posteriormente quando todas estavam transcritas realizei uma descrição das questões e nesta descrição eu cito o que as entrevistadas foram respondendo e se há semelhanças em suas respostas.

4. PERSPECTIVA TEÓRICA

4.1 EDUCAÇÃO

Ao nos referimos a educação, logo pensamos no complexo processo de ensino e aprendizagem, pois este processo faz parte de questões sociais e culturais exclusivas do ser humano. A mesma perpassa a vida inteira de um ser humano em um processo contínuo. Nunca vamos ouvir alguém dizer que esse ciclo acaba. Desde a vida uterina a criança já está se inserindo em uma cultura que possui os reflexos da sociedade que a cerca. E essa sociedade é construída a partir de diversos fatores, e a educação está entre eles. Seguindo essa perspectiva as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, menciona que,

O desenvolvimento da sociedade engendra movimentos bastante complexos. Ao traduzir-se, ao mesmo tempo, em território, em cultura, em política, em economia, em modo de vida, em educação, em religião e outras manifestações humanas, a sociedade, especialmente a contemporânea, insere-se dialeticamente e movimenta-se na continuidade e descontinuidade, na universalização e na fragmentação, no entrelaçamento e na ruptura que conformam a sua face. (BRASIL. 2013, p. 15)

A partir disso as DCNGEB, na página 16, também destaca que “A educação é, pois, processo e prática que se concretizam nas relações sociais que transcendem os espaços e tempos escolares”, ou seja a mesma não está presente apenas no cotidiano escolar.

Partimos do pressuposto que a educação fundamentalmente é escolar e familiar, e essa é composta pelos dogmas, culturas, pela organização familiar e muitos outros fatores que compõe a educação familiar. A educação é parte da

construção da socialização da criança com o tempo e espaço que a mesma está inserida. A escola junto com a família soma força de trabalho, e por meio de mediações durante os processos de desenvolvimento das crianças, as mesmas aprendem e criam concepções e ideologias a respeito da sociedade em geral.

Citamos anteriormente que com o processo de socialização a criança acaba por possuir como base os dogmas e ideologias das suas famílias. E para buscar desmistificar conceitos sobre as discussões a respeito das diversidades sociais que são impostos estereótipos por parte da família, a escola tem o dever de articular na sua rotina as discussões sobre as inclusões sociais. Inclusões sociais de todos os âmbitos. Pensar na diversidade cultural, religiosa, étnica e também nas questões de gênero. Como mencionam as DCNGEB, devemos refletir sobre a organização e forma que a escola está desenvolvendo com suas crianças a questão da inclusão social. Já que no cotidiano escolar não presenciamos discussões, problematizações e abordagens sobre às singularidades dos sujeitos que a compõem a instituição educacional. Devemos ter a consciência que está na hora de levarmos essas discussões para o ambiente educacional, já que muitas crianças e adolescentes só terão acesso a essas temáticas na escola, pois as famílias na maioria ainda não compreendem a importância de dialogar com seus filhos sobre essas questões. Então é fundamental que a escola reflita sobre essas questões, para que as crianças conheçam e compreendam a infinita diversidade humana e possam começar a pensar em uma inclusão social. Nessa direção novamente as DCNGEB, ratificam as minhas palavras.

Torna-se inadiável trazer para o debate os princípios e as práticas de um processo de inclusão social, que garanta o acesso e considere a diversidade humana, social, cultural, econômica dos grupos historicamente excluídos. Trata-se das questões de classe, gênero, raça, etnia, geração, constituídas por categorias que se entrelaçam na vida social – pobres, mulheres, afrodescendentes, indígenas, pessoas com deficiência, as populações do campo, os de diferentes orientações sexuais, os sujeitos albergados, aqueles em situação de rua, em privação de liberdade – todos que compõem a diversidade que é a sociedade brasileira e que começam a ser contemplados pelas políticas públicas. (BRASIL. 2013, p. 16)

Nesse sentido, acreditamos que essas discussões devem se fazer presentes na escola, pois fazem parte da educação das crianças. Esses conceitos são de extrema importância para o futuro das mesmas, pois se existem aparatos legais que ratificam a necessidade de a criança ter a possibilidade de ter contato com diversos

conhecimentos a escola e professores devem proporcionar aos aprendizes esses conhecimentos.

A Constituição Federal de 1988, cita em seu artigo 205.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988)

A esse respeito, a sociedade e escola colaboram com o desenvolvimento da criança, para o seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mundo do trabalho. Para que isso ocorra, os municípios, estado, e união devem formar uma engrenagem. A mesma possibilitará que a educação escolar ocorra. E cada um deve ofertar acesso e permanência de qualidade para o nível educacional que possui responsabilidade. Para que a educação cumpra de fato com o que a constituição estabelece como dever da educação, a: construção da identidade, cidadania e qualificação para o trabalho.

A educação ocorre de uma maneira social na vida de qualquer sujeito como já citamos, e a constituição também citou. E assim, destacamos que a criança aprende e possui como referências a sociedade que a cerca. Dessa forma, podemos fazer uma reflexão simples. Se a criança nasce, e se desenvolve em uma sociedade ela é o reflexo da mesma. A criança é um ser social, ela vai possuir as características da sociedade em que ela está inserida. A esse respeito Leite, ratifica que a convivência social é de extrema importância para o desenvolvimento de um ser social.

A convivência social é fundamental para transformar o homem de ser biológico a ser humano social, e a aprendizagem que advém das relações sociais ajuda a construir os conhecimentos que dão suporte ao desenvolvimento. (LEITE. 2009. p.205.)

Dessa forma reiteramos que, os profissionais da área da educação devem ter consciência que a escola fornece os suportes para que a criança se desenvolva em todos os seus aspectos.

4.2 EDUCAÇÃO INFANTIL

Constata-se hoje, através dos documentos que norteiam a educação nacional, que a Educação Infantil é de extrema importância para o desenvolvimento integral das crianças. Mas nem sempre a Educação de crianças pequenas foi vista dessa maneira em nosso país.

Logo após a Proclamação da República, que começaram a pensar nas infâncias. Quem iniciou com esse olhar foram entidades particulares, pois, até então o governo não tinha essa preocupação. Um dos motivos da preocupação foi por que as taxas de mortalidade infantil começaram a crescer, e dessa forma criaram entidades de amparo à infância. E com a Abolição dos escravos, destaca-se outra objeção, pois houve o aumento de abandono de crianças, e esse foi mais um dos motivos que passaram a olhar a infância com outros olhos.

A partir disso, começaram a pensar em possíveis soluções para esses problemas, a esse respeito Zilma de Moraes Ramos de Oliveira (2011, p.92) afirma, “inicia-se a chamada arte de ‘varrer o problema para baixo do tapete’, com a criação de creches, asilos e internatos, vistos como instituições destinadas a cuidar das crianças pobres”. Sendo assim, esses lugares possuíam um caráter assistencialista, bem como são os asilos, pois não havia a preocupação com a construção pessoal de cada criança, mas sim em só em alimentá-las e higienizá-las. Essas entidades não possuíam apoio do poder público, mas anos depois o mesmo criou Jardins de Infância, que eram voltados para crianças com classe social elevada.

No final do século XIX, a maioria dos homens trabalhavam nas lavouras, e dessa forma a indústria contratou muitas mulheres, mas os filhos dessas mulheres não obtiveram nenhuma preocupação por parte dos donos das indústrias. Dessa maneira as mulheres que ingressaram no mercado de trabalho tiveram que buscar alguém para cuidar de seus filhos enquanto as mesmas trabalhavam. Nesse contexto que entra em cena as “criadeiras”, que cuidavam das crianças enquanto as mães trabalhavam, mas nessa época a taxa de mortalidade infantil era bem grande pelas condições higiênicas e materiais.

Posteriormente a lutas, e reivindicações as Indústrias construíram lugares (com um caráter assistencialista) para os filhos das funcionárias, com intervalo para amamentação e muito mais, a partir disso podemos perceber que envolve

fortemente o direito da criança e da mulher. Pois o poder público não se preocupava nem um pouco com as crianças e muito menos com a mulher.

Como cita, Oliveira (2011, p.115) “A partir de muita luta e pressões de movimentos feministas e de movimentos sociais, que lutavam por creches, possibilitaram a conquista na Constituição de 1988, do reconhecimento da educação e pré-escolas como direito da criança e um dever do Estado a ser cumprido nos sistemas de ensino”. Assim sendo, a mesma também determinou que 50% da aplicação obrigatória de recursos em educação fosse destinada a programas de alfabetização. Dessa forma houve a expansão do número de pré-escolas e alguma melhoria na formação de seus docentes.

Na década de 90, ocorreram muitas mudanças, O Estatuto da Criança e do Adolescente foi promulgado pela Constituição de 1988. Na área da Educação Infantil foi acompanhado um grande debate sobre a Lei 9394/96, que estabelece a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica. Com essas conquistas a educação de crianças pequenas mudou totalmente, pois não possuía mais um caráter de assistencialista. Desta forma, brevemente contextualizei o caminho que a Educação Infantil percorreu em nosso país.

No que diz respeito a Educação Infantil, os Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF. Citam que,

Em síntese, para propor parâmetros de qualidade para a Educação Infantil, é imprescindível levar em conta que as crianças desde que nascem são: • cidadãos de direitos; • indivíduos únicos, singulares; • seres sociais e históricos; • seres competentes, produtores de cultura; • indivíduos humanos, parte da natureza animal, vegetal e mineral. (BRASIL, 2006, p.18)

Logo, pensamos que só podemos ter uma Educação Infantil de qualidade se levarmos em conta os itens elencados nos Parâmetros, já que no dia a dia da escola sabemos que muitas vezes não presenciamos nas escolas os itens a cima sendo seguidos como deveriam ser. Já que os profissionais que atuam na Educação Infantil não possuem uma formação adequada por parte das instituições “formadoras”, pois a formação e o estudo a respeito dessa etapa da educação básica ainda não são aprofundados e dado ênfase nos cursos de formação, pensa-se mais nos anos iniciais. A esse respeito, Graziela Escandiel de Lima menciona:

Nesse sentido, ao estar num espaço de Educação Infantil focaliza-se como se faz, o que se faz no cotidiano de educação da criança pequena, estabelecendo os contornos profissionais dessas ações e buscando, com esse empreendimento investigativo ter subsídios para apontar elementos referenciais necessários aos processos formativos de pedagogos no contexto atual. (LIMA, 2010, p.38)

A autora destaca que para conhecermos e termos uma formação adequada para a atuação na primeira etapa da educação básica todos os aspectos citados deveriam ser estudados e discutidos nos cursos de formação de professores atuais. Em nossa instituição sabemos que isso ocorre, pois temos em nossa matriz curricular disciplinas que nos proporcionam esse aporte teórico e prático com a Educação Infantil, mas neste sentido podemos buscar saber se em outras instituições existem também essas discussões para capacitação adequada para atuação na primeira etapa da educação básica.

Pensamos que essa questão é de extrema importância para o pedagogo pensar sua prática pedagógica no cotidiano da educação infantil, respeitando sempre o tempo e o espaço que essa instituição está inserida, e só dessa forma poderemos seguir os pontos citados pelos Parâmetros.

Mas muitas vezes os profissionais da Educação Infantil, não possuem claramente em seus pensamentos como e o que a criança possui o direito de aprender e desenvolver nessa etapa da educação básica. Para esclarecer dúvidas temos documentos e Diretrizes da Educação Básica, e dessa forma as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil, cita que:

O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico. Tais práticas são efetivadas por meio de relações sociais que as crianças desde bem pequenas estabelecem com os professores e as outras crianças, e afetam a construção de suas identidades. (BRASIL, 2013, p. 85)

Nessa direção, compreende-se que a Educação Infantil é a etapa da Educação Básica, que a professora deve pensar e conhecer que a necessidade principal das crianças é o brincar e a interação com seus colegas e assim eles irão estar em um processo de construção de conhecimento, sendo eles os protagonistas deste processo.

No brincar elas estão interagindo umas com as outras, e assim constroem e compartilham suas culturas. Nesse sentido Claudia Vianna (2009, p.270) também

disserta que: “É na Educação Infantil, que as crianças estão a maior parte do seu dia em contato com outras crianças, e nessa interação as mesmas compartilham saberes e se tornam protagonistas nas relações. ”. Essa interação ocorre por meio da vivência da infância em um ambiente educacional.

Mas para tudo isso ocorrer verdadeiramente a demanda de oportunizar condições adequadas para o cotidiano da Educação Infantil está sob responsabilidade dos municípios. Mas antes de tudo isso uma das maiores demandas é a formação de professores (as) contínua, escolas com estrutura física adequada para a Educação Infantil e um Projeto Político Pedagógico que elenque a realidade e as necessidades da comunidade em questão. São inúmeros fatores que o docente tem que refletir para só assim ter conhecimento para mediar as interações de uma maneira que a criança se desenvolva em vários aspectos. De encontro a esse pensamento, Patrícia Corsino disserta que existem caminhos que o professor pode seguir para a criança se desenvolver em todos os aspectos na Educação Infantil.

A Educação Infantil, com suas práticas pedagógicas, que visam ao desenvolvimento integral das crianças, portanto, focadas na(s) linguagem(s), na expressão, no espaço do brincar, na apropriação interdisciplinar de conhecimentos etc., e com seu sistema de avaliação e acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, tem muito a contribuir em diálogo com o Ensino Fundamental, podendo ocupar um importante lugar no cenário educacional brasileiro atual. (CORSINO, 2006, p.4)

Nesse sentido pode-se pensar, que compreendendo os caminhos a seguir para o melhor desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil, a professora deve refletir que as mesmas possuem o direito de aprender, mas que cada uma possui um tempo e uma necessidade. Sabe-se que a Educação Infantil é necessária para que as crianças construam seus conhecimentos. No momento de ingressar no Ensino Fundamental a criança já terá suportes de auxílio. A criança já vivenciou um ambiente educacional, já percebe que a rotina escolar é diferenciada da rotina domiciliar e entre outras questões que a criança já desenvolveu. Mas, deve-se ter claro que essa etapa da educação básica não é uma fase de preparação para a próxima etapa. Mas sim, uma fase que irá dar suporte emocional e intelectual para a criança continuar se desenvolvendo.

Por essas e outras razões que as crianças possuem direito o acesso à Educação Infantil, mas sabemos que ainda nos dias de hoje não são todas as crianças que possuem esse acesso. Muitas vezes por falta de conhecimento por parte da família o quanto importante é para os seus filhos vivenciarem o cotidiano da Educação Infantil. Mas essa lacuna de conhecimento se dá pela pouca valorização dessa fase da infância, e por essa etapa da Educação Básica. A esse respeito Corsino (2006, p.5) menciona que ter acesso a primeira etapa da educação básica “ é um direito constitucional das crianças desde que nascem, um direito que abarca outros direitos”. Esse direito abarca o direito que a criança possui de se desenvolver integralmente, de não correr o risco de sofrer com nenhuma negligencia tanto por parte da família como por parte da sociedade em geral. Como já discutimos anteriormente em um dado momento em nosso país esse direito era voltado para a mãe que trabalhava, mas hoje não mais, pois, esse é um direito conquistado e garantido para a criança. Nesse viés podemos elencar inúmeros direitos primordiais da criança frequentar essa etapa da educação básica que é essencial para o seu desenvolvimento.

Pensamos que essa etapa da Educação Básica, também possui o dever de mediar situações que surgem a respeito de discussões de diversidade social, já que as crianças estão em pleno processo de desenvolvimento de sua identidade e concepções a respeito do mundo. A partir de estudos conseguimos compreender que a criança possui como referência a sociedade que a cerca, e a escola contribui para a socialização da criança, e dessa maneira a mesma interpreta ações e falas sobre diversas temáticas e internaliza como dogmas. Então de uma vez por todas sabemos que a Educação Infantil pode sim mediar discussões a respeito de estereótipos que a sociedade possui sobre gênero.

4.3 GÊNERO

Gênero, pode ser definido como aquilo que diferencia o homem e a mulher. É um dos conceitos mais comuns que encontramos em uma pesquisa rápida pela a internet.

Mas sabemos que o gênero só não diferencia o sexo biológico do ser humano, mas também “determina” socialmente como as pessoas devem se

comportar de acordo com o seu gênero. Mulheres devem ter determinados modos e homens outros. Meninas brincam de boneca, e meninos de carrinho e bola. Meninos não podem em hipótese alguma brincar de casinha. A menina por outro lado deve, para aprender desde pequena a cuidar da casa.

E com essas determinações que a sociedade constrói, a criança cresce com a concepção de que por ser homem ele possui mais poder. E a mulher deve ser submissa e pensar no lugar que ela deve ocupar. Lugar esse, imposto pela a sociedade. E, assim são construídas as distinções sociais. Nessa perspectiva Varikas 2016, menciona que:

Os novos empregos da palavra gênero nas ciências humanas fornecem, ao longo das últimas décadas, um exemplo característico. Substituindo categorias tais como “sexo” ou “diferença sexual” – cujo determinismo biológico e cujo uso autoexplicativo ela contestava -, a noção de gênero estava chamando atenção para construção social das categorias de sexo, para as relações sociais e as relações de poder que fazem, dos seres machos e fêmeas, homens e mulheres numa dada sociedade. (VARIKAS, 2016, p.20)

Então, a partir dessa perspectiva devemos pensar que a discussão de gênero chama atenção para as relações sociais, e para as relações de poder. Salientamos, que essas discussões têm que partir de um pressuposto de desconstrução de estereótipos construídos pela sociedade, e que são reproduzidas sem reflexão.

Acreditamos, que enquanto professoras devemos observar e nos policiar de prestar atenção nos momentos que ocorrem as interações sociais, que as crianças possuem a oportunidade de conversar e expressar seus pensamentos, ou seja, momento esse que a criança manifesta conceitos já construídos a partir de estereótipos.

São os estereótipos que no olhar leigo que ainda², não despertou a sensibilidade para perceber que essas questões não devem fazer parte do desenvolvimento infantil. Enquanto adultos responsáveis pela a educação das crianças não devemos reproduzir falas e comportamentos que enfatizem na questão de feminilização ou masculinização, já que a infância é um período que as crianças possuem o direito de descobri-la e explorá-la livremente. Sem precisar conviver e ter

² Uso o termo “ainda”, pois, penso que esse conceito pode ser desconstruído no decorrer da vida.

como referência as expectativas e formas que a sociedade pensa ser certo ou errado. Nessa perspectiva Vianna e Finco dissertam,

O minucioso processo de feminilização e masculinização dos corpos, presente no controle dos sentimentos, no movimento corporal, no desenvolvimento das habilidades e dos modelos cognitivos de meninos e meninas está relacionado à força das expectativas que nossa sociedade e nossa cultura carregam. (VIANNA, FINCO, 2009, p. 272)

Sabemos que a escola e a sociedade contribuem para esse processo ser acelerado na vida das crianças. Já que os meninos possuem brincadeiras, brinquedos e jogos que estimulam a sua masculinização. E as meninas brincadeiras, brinquedos e jogos que estimulam a sua feminilização. Devemos destacar que não existem coisas de meninos e coisas de meninas. As crianças podem explorar e brincar com o que bem entenderem. E as mesmas só constroem essas questões por que elas possuem como referências adultos que destacam o tempo todo, esses estereótipos. Os mesmos são determinados pela sociedade, e vão passando de geração para geração.

Muitas vezes as professoras que não deveriam expressar esses estereótipos no ambiente escolar, acabam reproduzindo essas questões. Em vez de tentar mostrar que não é necessário pensar dessa maneira. Elas reproduzem esses estereótipos. Separando as crianças por bancos, filas, brincadeiras, jogos e muito mais. Infelizmente na maioria das vezes como citou a autora, Andreia Cechin, as professoras acabam retificando essas questões. Em falas e atitudes que poderiam ser pensadas e mudadas.

Algumas falas e atitudes da professora parecem reforçar as estereotípias de gênero no que se refere à competência do trabalho doméstico. Quando, no seu aniversário, a professora recebeu de uma aluna um bolo e alguns enfeites de geladeira que ela havia feito com o auxílio da mãe, fez questão de valorizar, diante de toda a turma está “habilidade” da menina. Em uma atividade de modelagem, com esta mesma menina, a professora novamente exclama para toda turma ouvir, impressionada com a “criatividade” da aluna: Olha pessoal o que a Luciana fez: um ferrinho de passar roupa!” (CECHIN. 1997. p. 10)

Então, devemos hoje em dia desconstruir essa imagem formada pela sociedade. Pois ela está em um nível em que afeta até as “simples”³ brincadeiras das crianças. Já que no dia a dia podemos perceber que as brincadeiras do universo infantil já são separadas por gênero. Podemos ir em uma loja de brinquedos, e não iremos encontrar brinquedos de casinha em outros tons de cor além da cor de rosa. Isso está diretamente ligado com a representação do que é de menino e do que é de menina. Dessa forma, Carolina Cunha (2014) analisa que, sabemos que a cultura de uma sociedade possui expectativas para cada sexo. E para tornar-se homem ou mulher a sociedade nos impõe a um processo que se chama socialização de gênero.

À vista disso, sabemos que infelizmente a grande maioria das famílias e professoras (já que isso ocorre nas escolas também) ainda agem da maneira de socialização de gênero. Já que, possuem o pensamento que existe brincadeiras e brinquedos para cada gênero. As crianças acabam sofrendo influências da sociedade e família a respeito desses conceitos. Pois uma criança do sexo masculino não nasce pensando que não pode brincar de varrer a casa, por que isso é uma atividade voltada para o público feminino. Essa é uma construção da sociedade a respeito de cada gênero.

No texto, Gênero e outras formas de classificação social⁴, foi mencionado: “ é a cultura que constrói o gênero, simbolizando as atividades como masculinas e femininas”. Ou seja, a sociedade impõe os comportamentos, brincadeiras, as formas que devem ocorrer as relações, as profissões de acordo com o gênero. As ideologias, hábitos e culturas que as crianças estão inseridas são de uma forma ou outra manifestadas nas brincadeiras das crianças, e dessa forma surgem questões e falas que são “passadas” socialmente para as crianças.

As crianças reproduzem algo que no pensamento delas é correto, já que não são desenvolvidas mediações a esse respeito na escola e muito menos no contexto familiar.

³ Uso aspas, pois quero ressaltar que não podemos utilizar esse adjetivo, para nos referirmos a brincadeiras.

⁴ Foi escrito, a partir do Curso de Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Racial, oferecido pelo Ministério da Educação, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e pela a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

Na escola quando colocamos um filme para as crianças assistir ou quando é disponibilizado um brinquedo para elas brincarem, devemos dialogar quando surgem questões de relações de gênero, ou até sobre desigualdade social. Para que então, as mesmas não acreditem e não reproduzem as ideias, ações ou comportamentos que estão expostos em filmes, novelas, desenhos animados e brinquedos, já que elas podem interpretar que esse é o padrão a ser seguido.

A esse respeito Ivone Santos (2009) disserta que o consumismo e a erotização estão cada vez mais precoces nas vidas das crianças, e a erotização está presente em brinquedos. Um dos exemplos citados pela a autora é a boneca Barbie, que faz sucesso no Brasil desde os anos 80. E sempre reproduzindo estereótipos de corpo, profissões e estimulando o consumo, pois a mesma traz consigo influências de roupas e adereços que são vendidos separadamente. Nesse viés questionamos que a professora como mediadora deve ao disponibilizar os brinquedos, filmes e brincadeiras sempre dialogar, problematizar e instigar o pensamento crítico das crianças a respeito das temáticas que eles expõem. Para que as crianças possam entender e compreender que não é por que a mídia expõe que é legal, e certo reproduzir.

Como já mencionamos anteriormente no decorrer deste trabalho as crianças possuem como referência as situações que as cercam. Então dessa forma, elas terão como referência o corpo, as profissões e as maneiras de se comunicar que Barbie possui. Com certeza irão pensar que a Barbie é um brinquedo de meninas, já que nunca vamos ver um menino em uma propaganda de televisão brincando com a boneca. Por isso é necessário existir as discussões de gênero no ambiente escolar. Para destacar que em hipótese alguma existe gênero em uma brincadeira, música ou brinquedo.

Nesses momentos a professora deve ter a sensibilidade de mediar novas ideias, a esse respeito. Pois essas questões surgem durante o dia a dia de uma forma inevitável. A professora deve problematizar essas questões culturais que a criança carrega com sigilo e enxerga de forma natural, pois dessa maneira ele pode conseguir fazer com que a criança compreenda que não é o gênero que define as brincadeiras, comportamentos e etc., de uma criança.

Devemos também levar em consideração que de acordo com o tempo e espaço que a criança está inserida é a maneira que ela compreende e articula com o social. E as questões que abordam uma discussão de gênero estão diariamente

presentes no ambiente educacional. Mas sabemos que são poucas as famílias e professores que discutem questões de gênero sem levar em considerações suas crenças e ideologias familiares e culturais.

Ousamos aqui destacar, que para que essas mediações por parte das professoras ocorram, o mesmo deve possuir um olhar atento às questões que surgem durante o brincar, que é o momento em que a criança mais se expressa e aborda de forma natural as questões que já estão sendo formadas no seu pensamento como dogmas, pois essas questões partem muitas vezes como já citado do convívio familiar que possui pensamentos e culturas já estagnadas antes mesmo da criança vir a participar desse círculo, e dessa maneira a criança começa a se desenvolver e tomar isso como verdade. A professora só vai ter a sensibilidade de perceber essas inúmeras questões quando houver uma formação que destaque a importância das mediações de situações que a criança expressa falas e ações preconceituosas e machistas, pois essas questões fazem parte da constituição cultural dessa criança como cidadão que faz parte da sociedade que a mesma está inserida. A esse respeito Leite e Maio (2013) ratificam essas afirmativas, mostrando que padrões para cada gênero são construídos ao longo dos anos.

Culturalmente houve a construção de padrões de comportamento de meninas e meninos, esses papéis específicos em função de cada gênero, conseqüentemente, são reproduzidos nas brincadeiras, pois, muitos são os discursos que permeiam no âmbito escolar, revelando que as meninas devem brincar de bonecas, casinha, utensílios domésticos e outros brinquedos em espaços mais fechados e tranquilos. Em controversa, os meninos devem brincar de carrinho, bola, armas e outros elementos lúdicos, em espaços mais livres. As crianças, ao evidenciarem comportamentos não considerados “certos” ao seu gênero, são reprimidas e rotuladas, porque há compreensão dos aprendizados ideológicos como algo pré-determinado e próprio da natureza da criança, consistindo, então, a escola em um espaço de repressão contra os comportamentos que contradizem o natural. (LEITE, L. da L.; MAIO, E.R. 2013, p.7)

Se nos cursos de formação houvesse mais discussões a esse respeito, os professoras saberiam abordar essa temática espontaneamente no dia a dia, pois essas questões muitas vezes estão expostas em livros, filmes, brincadeiras e até mesmo na rotina da escola. Pois quem disse que o banco localizado perto do banheiro dos meninos pode ser utilizado apenas pelos mesmos? São dessas questões que eu me refiro que surgem inúmeras situações que necessitam de atenção, em apenas um dia letivo. Só que as mesmas são deixadas de lado e passa

anos e anos, e essa visão segue sendo a mesma, e as professoras acabam alimentando as relações de poder que envolvem as questões de gênero.

Podemos ratificar o que destacamos, que gênero é uma discussão construída socialmente. Que é a sociedade que determina e estabelece todas as relações a respeito de gênero. E essas discussões são artefatos mais sociais do que biológicos. Que a escola possui sim o dever de mediar essas questões na Educação Infantil. E a esse respeito as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil, destaca que a professora ao problematizar essas questões está desenvolvendo a possibilidade de a criança estar construindo sua visão de mundo e construindo conceitos a respeito das discussões de gênero e todas as outras questões que envolvem a visão de mundo da criança.

Desde muito pequenas, as crianças devem ser mediadas na construção de uma visão de mundo e de conhecimento como elementos plurais, formar atitudes de solidariedade e aprender a identificar e combater preconceitos que incidem sobre as diferentes formas dos seres humanos se constituírem enquanto pessoas. Poderão assim questionar e romper com formas de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa, existentes em nossa sociedade e recriadas na relação dos adultos com as crianças e entre elas. (BRASIL, 2013, p 87.)

Pois, só com o pensamento crítico, que podemos acabar com as desigualdades sociais, já que temos de ser pessoas que pensam criticamente a respeito das questões que envolvem a formação humana e a sociedade. Visto que, com a ignorância e reprodução dos estereótipos, não vamos mudar nada. Então um dos papéis das pedagogas é buscar fazer essa movimentação nos pensamentos e concepções de suas crianças.

5. UM OLHAR TEÓRICO SOBRE AS AFIRMAÇÕES

Neste capítulo irei analisar os dados das entrevistas. E desenvolver uma interlocução com o referencial teórico. Sempre tomando como referência o objetivo da pesquisa que é compreender como são mediadas com as crianças da Educação Infantil as questões de gênero no ambiente escolar.

Durante a realização das entrevistas tive a oportunidade de presenciar elementos que foram citados no referencial teórico deste trabalho. As entrevistadas quando questionadas sobre o que a palavra gênero lhes sugerem, cinco possuem

em mente a palavra gênero como uma categorização de homem ou mulher. Então, podemos perceber que elas pensam em gênero como uma questão apenas biológica e nada mais. A esse respeito a entrevistada B cita:

Acho que parece muito mais uma ideia de descrição de categoria biológica do que qualquer outra coisa mais social. Gênero, masculino ou feminino é muito mais uma questão biológica do que outra coisa. (Entrevistada B)

Sobre esta questão sabe-se que a palavra gênero deixou de ser vista como uma questão biológica e passou a ser uma questão social. Como menciona Varikas (2016, p.20), passamos a pensar em novos empregos e sentidos para as palavras que já fazem parte de nossas existências. Devemos dar sentidos as palavras para cada vez mais elas se tornarem adequadas a nossas percepções das coisas que estão a nossa volta. Sobre o novo sentido da palavra gênero ela menciona, que a mesma deixa de ocupar um espaço de categorização de masculino feminino para ocupar um espaço de questão social. Deste modo citou,

Os novos empregos da palavra gênero nas ciências humanas fornecem, ao longo das últimas décadas, um exemplo característico. Substituindo categorias tais como “sexo” ou “diferença sexual” – cujo determinismo biológico e cujo uso autoexplicativo ela contestava -, a noção de gênero estava chamando atenção para construção social das categorias de sexo, para as relações sociais e as relações de poder que fazem, dos seres machos e fêmeas, homens e mulheres numa dada sociedade. (VARIKAS, 2016, p.20)

Como já foi mencionado os sentidos das palavras são formados através das nossas concepções e pensamentos sobre as mesmas. Essas concepções e pensamentos são construídos com o compartilhamento e interação com outros sujeitos e desta maneira acabamos construindo sentidos para as palavras conforme as ideologias e dogmas que seguimos. Citei anteriormente o que uma entrevistada mencionou, mas das seis entrevistadas, cinco mencionaram esta concepção que a palavra gênero lhes sugerem uma questão biológica. A penas uma entrevistada menciona que pensa no emprego da palavra também como uma questão social. Assim ela menciona,

Gênero sempre me vem na ideia a questão gramatical masculino ou feminino. Agora que estão colocando essa noção da questão do gênero que nem tudo é para menino e nem tudo é para menina. Uma questão social, e

ao meu ver não interfere na questão biológica das crianças também. Ela não vai deixar de ser menina ou menino se brincar com os coleguinhas.
(Entrevistada F)

Desta maneira, percebe-se que a entrevistada pensa na questão biológica, mas a mesma está também pensando na questão social do emprego da palavra. A mesma está começando a pensar em um novo emprego para esta palavra, pela questão que “agora que estão colocando essa noção” ou seja, agora estão iniciando essas novas discussões e sentidos para esta palavra. Para ela esse novo emprego também está possuindo sentido de acordo com as suas percepções sobre a palavra gênero.

A mesma entrevistada quando pensa no que lhe sugere a palavra gênero, ela já faz uma ligação com os momentos do brincar das crianças. A mesma também cita quando é questionada sobre como ela entra em contato com as questões de gênero ela menciona, que é no momento do brincar, de escolher cores de lápis e também folhas que ela percebe as questões de gênero. Ou seja, na primeira questão ela já fez uma ligação com o cotidiano escolar e no que está presente as questões de gênero. Tudo isto no momento em que se coloca em reflexão sobre o que lhe sugere a palavra gênero.

Neste sentido, podemos refletir nos aspectos que devem ser levados em questão quando estamos falando do brincar das crianças, pois este brincar ele não é vazio, ele traz consigo as representações sociais que as crianças possuem e é possível perceber claramente os papéis que cada criança ocupa no momento do brincar. A esse respeito, Brasil (1998) esclarece:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato da criança desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998, p. 22).

Ou seja, a criança no momento do brincar está se desenvolvendo, construindo novos conceitos e também interagindo, então deve-se pensar cada vez mais sobre esses momentos, pois nesses instantes que as crianças se expressam e mostram o que carregam consigo.

A professora deve usar esses instantes a seu favor. Observando, refletindo e escutando as demandas das crianças e por que não mediando quando necessário. Pode-se mediar sem mudar o rumo do brincar, mas esclarecendo e fazendo as crianças compreender que cada um assume o papel que desejar e não só o que é estabelecido pela sociedade. Se a professora não mediar isso se torna uma verdade para a vida toda e essa criança não se coloca em posição de reflexão. Desta forma, sabe-se que se deve mediar as questões que surgem no cotidiano, mas não se percebe que o momento do brincar é o momento que mais surge essas discussões sobre as construções sociais que as crianças possuem.

A segunda questão se referia se era pertinente a discussão sobre gênero. Nesta questão mais uma vez percebe-se muito forte em três da entrevistadas que esta questão se torna pertinentes a serem discutidas pelo fato de estar em alta nas discussões e pelos tempos em que vivemos. Mas, me questiono em que dado momento estas questões vieram à tona? E antes não existia essas questões e não era pertinente pensar sobre essas questões?

As outras três entrevistadas mencionam que é pertinente, pois é algo que deve fazer parte das discussões do espaço da Educação Infantil, já que nesta fase as crianças estão construindo conhecimentos e conceitos sobre inúmeras questões do dia a dia e que farão parte de suas vidas. Neste momento surge o que já mencionei no referencial da Educação Infantil. A professora D, menciona que estas discussões são pertinentes, pois constroem nas crianças conhecimentos que elas usarão nas suas vidas adultas, ou seja, auxiliam na construção de suas identidades. Desta maneira a entrevistada menciona:

Muito, porque no espaço que a gente está, não só na educação infantil, mas no espaço escola. A gente tem que discutir todas as questões que são pertinentes. Por exemplo: as mulheres, nós estamos formando mulheres. Nossas meninas de hoje quando tiverem quinze, dezesseis anos talvez o modo como a gente aborda determinadas questões de gênero hoje vai influenciar nelas lá. Na constituição delas como mulheres. (Entrevistada D)

Percebe-se que na sua fala ela menciona o exemplo que nós estamos fazendo parte de um processo de construção das identidades e que no caso das meninas seria as suas identidades enquanto mulheres. Que pertinente as discussões sobre gênero, pois assim ela pode desconstruir questões e estereótipos que a sociedade cria quando o assunto é o papel da mulher na sociedade. Também

que com as discussões de gênero podemos e devemos de uma maneira sutil mencionar as relações de poderes na sociedade, e lá na frente quando a criança crescer a mesma terá pensamento crítico para abordar e se posicionar nas situações que surgirão na sua vida.

A este respeito temos para esclarecer dúvidas os documentos e Diretrizes da Educação Básica e as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil, que nos esclarecem sobre o currículo da Educação Infantil, e quais práticas devemos seguir, assim a mesma menciona:

O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico. Tais práticas são efetivadas por meio de relações sociais que as crianças desde bem pequenas estabelecem com os professores e as outras crianças, e afetam a construção de suas identidades. (BRASIL, 2013, p. 85)

Dessa maneira está citação vem ao encontro com a fala da professora, pois a mesma cita que através das práticas das professoras e vivências com os (as) colegas, a criança é afetada na sua construção da sua identidade. Ou seja, puxando para a temática da nossa discussão podemos pensar que conforme a professora julga pertinente a discussão de gênero no ambiente educacional, irá ser como o mesmo irá abordar nas suas práticas. E conforme ela aborda será a contribuição para a construções pessoais das crianças.

A terceira questão era sobre como as entrevistadas entram em contato com essas questões de gênero. As mesmas citaram que entram em contato através da organização dos espaços das escolas, nas organizações dos banheiros, brincadeiras e também quando o assunto é cores. Nessas situações que elas me relataram que entram em contato com as questões de gênero. A entrevistada F, neste momento já menciona como que ela entra em contato e como ela media o momento, assim ela mencionou,

Na educação Infantil que é a minha área de atuação eu acho que quando a gente percebe que é interesse da criança. A gente não chega e fala hoje nós vamos aprender sobre sexualidade. Vamos aprender o que é ser menina e o que é ser menino! Na Educação Infantil as coisas acontecem de forma mais natural e espontânea. Durante uma brincadeira se tu percebes que surgiu uma frase de uma criança te dizendo que a mãe disse que rosa é de menino e que menino não usa rosa. Daí eu acho que aí surge para o professor fazer toda a conversa, questionamento para as crianças tentarem

refletir. Por que essa cor é de menino? Por que que menino não pode usar essa cor? (Entrevistada F)

Desta maneira como pode perceber a entrevistada busca questionar e fazer com que a criança se coloque em uma posição de reflexão. Este meio é um processo complexo, pois se a criança falou algo é por que a mesma entra em contato com esta temática desta maneira. Talvez seus familiares lhe indicam, falam e pensam desta forma e a mesma acaba reproduzindo. Nesta fala percebe-se que cabe a professora ter consciência que ele possui o papel de mediar estas situações e buscar desconstruir estes conceitos ao invés de ratificar. Também indica como que pode ser mediado no ambiente da Educação Infantil essas questões de gênero.

A quarta questão era em que situações você identifica questões de gênero? Neste momento eu percebo que as mesmas seguem um caminho de raciocínio, pois haviam a pouco respondido como entravam em contato e agora deveriam pensar como elas identificavam questões de gênero. Nesta pergunta as entrevistadas mais uma vez retornaram que identificam essas questões no momento do brincar, na organização dos espaços das brincadeiras, nos brinquedos e na escolha das cores das folhas. A entrevistada F, mais uma vez menciona sobre como ela busca mediar,

Depende da determinada faixa etária, na Educação Infantil que a gente tem que trabalhar as coisas de forma lúdica. Então a gente aproveita essas questões que surgem de as cores, nos brinquedos. Que são as coisas que são mais concretas para a gente explicar uma coisa difícil para a criança. Por isso eu dei o exemplo das cores pode ser também as bonecas os carrinhos, os brinquedos. Como eu falei surge no contexto deles e a gente procura puxar para a realidade deles para a vivencia deles dos brinquedos, as cores, os tipos de desenhos, o tipo de tênis. Uma coisa que seja concreta. (Entrevistada F)

Penso, que nesta entrevista ficou bem claro como ela media quando surgem as questões de gênero, a mesma busca usar exemplos de fáceis compreensão por parte da criança. Ela menciona que usa as situações a respeito das cores, bonecas e brinquedos, pois são situações e objetos do cotidiano deles e através deles ela media para que eles desconstruam os estereótipos construídos.

A mesma citou que as formas de trabalhar essas questões no cotidiano escolar são através das mediações, pois as mesmas surgem de repente e não são situações previsíveis, então sempre que surge deve ser mediada e argumentada para que a criança comece a construir novos conceitos sobre esta temática.

A quinta questão foi elaborada com a intenção de perceber se elas mencionariam se o curso de Pedagogia que elas cursaram “prepararia” desenvolver estas mediações. A questão era se elas se sentiam preparadas quando surgiam estas questões, e as seis responderam que não era uma questão de preparação devido ao fato de ser algo que surge momentaneamente por parte da criança, e a entrevistada B, mencionou que,

Acho que aqui dentro da escola a gente tem sempre buscado estudar os temas que estão sendo discutidos, teve no ano passado ou retrasado uma novela que trazia muito as coisas de ser homem, mulher, trans. ou gay. E daí as crianças certamente assistem novela então começaram essas discussões e eles começaram a questionar algumas coisas. Sempre que tem alguma demanda das turmas a gente tenta estudar juntas e aprender mais sobre isto. Não sei se a gente está preparada, pois preparada nunca a gente está, mas a gente tenta fazer de uma maneira. E tendo por base a ideia do respeito, acho que a gente consegue fazer bastante coisa. (ENTREVISTADA B)

Neste trecho da entrevista podemos elencar inúmeras questões: Reuniões pedagógicas que possibilitem o estudo continuado, a mídia com perfil formador e portal de influencias de estereótipos e também a sensibilidade das professoras darem vozes as demandas das turmas. Ou seja, para ser levado a discussão com o grupo as questões que surgem dentro da sala, nos sugere que está professora possui o olhar sensível e atento com suas crianças e não deixa passar as situações em branco as questões que surgem.

A respeito da formação continuada e sobre as demandas percebidas na turma, Grasiela Vogt (2012) cita que,

Na verdade, todo este processo de formação continuada também se constitui como um investigar a si próprio, um investigar a escola e sua realidade, um investigar os alunos com quem trabalho e um investigar o meu colega professor, pois com ele posso aprender e trocar experiências, para a construção coletiva de uma vivência pedagógica eficiente. Esta investigação possibilita que o formador deste processo saiba quais são as informações que o professor possui e como ele percebe e vivencia o cotidiano da escola, para, então, transformar estes dados “investigados” em conteúdos de formação. Não basta trabalhar a formação com assuntos isolados e dispersos. É imprescindível que tudo aquilo que está sendo trabalhado no processo formativo esteja realmente relacionado com as necessidades escolares e ajudem a tornar o processo educativo mais atraente e eficaz. (VOGT. 2012, p.3)

No entanto, penso que esse investigar que ela menciona inicia-se pelo investigar a sua própria prática. Pois, através dos registros reflexivos a professora

possui uma grande ferramenta de investigação da sua prática, para depois passar a observar o trabalho dos colegas para assim trocar experiências e construir novos propósitos para a prática pedagógica. E através desta investigação a professora pensara em possíveis formas de mediar as situações que poderão surgir e desta forma se constitui o estar preparado. É estar em constante busca pelo conhecimento e por possibilidades.

A autora menciona sobre a importância de saber sobre o que será necessário um novo estudo, investigação e reflexão. Pois, os estudos das reuniões devem ser de acordo com as demandas das turmas e para isto a professora precisa se colocar em uma posição de observador para desta forma perceber qual é a demanda da sua turma. Assim, quando necessário o estudo continuado pode e deve ser a respeito das questões de gênero que surgem no cotidiano escolar.

A respeito da mídia ser influenciadora de opiniões Ivone Santos (2009) menciona,

Os meios de comunicação não só vendem, aumentam e abrem espaço para os produtos, mas também exercem outra função ao demonstrar modelos a serem seguidos, isto é, apresenta padrões físicos, estéticos, sensuais e comportamentais, enfim, situações da vida aos quais as pessoas devem se moldar, ditando regras que devem ser cumpridas durante toda a sua existência. (SANTOS. 2009, p.4)

Penso que esta citação vem bem ao encontro com o que a professora mencionou em sua resposta que as crianças trazem para a escola o que está presente na mídia que elas possuem acesso. E independente da mídia, sabemos que na grande maioria elas possuem a intenção de alienação e de “passar” modelos de vida, de pensamento, de vestimenta, de representações e modos de agir e estar no mundo de acordo com sua posição social.

A escola possui o papel de desconstruir essas afirmativas encontradas nas grandes mídias. E esse processo pode se iniciar pelo fato da professora possuir um olhar atento e perceber o que emerge de sua turma e levar essas discussões para compartilhamento com os seus colegas, pois com reflexão e compartilhamento de saberes a professora saberá se armar das estratégias necessárias para desconstruir essas questões. Então como a entrevistada mencionou a escola busca estudar e se aprofundar nas demandas que surgem dentro das salas de aula, e esta é a forma de se preparar para enfrentar as situações que surgem no cotidiano escolar.

A sexta questão da entrevista era, na sua percepção em que situações se manifestam as questões de gênero no cotidiano escolar? As entrevistadas mencionaram novamente que no cotidiano escolar as situações se manifestam no momento do brincar, com os brinquedos, nas idas ao banheiro que eles querem categorizar os colegas pelo feminino ou masculino e também no uso de acessórios ditos de meninas ou de meninas. Mas a entrevistada D, menciona:

São construções até mesmo de fala. Do mesmo jeito que tu sabes que isso é uma mesa e isso é uma cadeira. Desde sempre se constrói a prática que o menino brinca de boneca e o menino de carrinho. É social, então é muito difícil tu desconstruir isso até por que eu tenho meninos que brincam de bonecas e os pais não gostam. No ano passado a minha turma era muito unida muito tranquila eu levava bastante panelinha e nas panelinhas eu dava massinha de modelar eles brincavam bem tranquilos juntos para fazer a comidinha e os meninos podiam estar fazendo o que fosse eles largavam e iam brincar de panelinha, foi uma coisa naturalizada durante o ano. E esse ano eu já não consegui naturalizar tanto, não que os meninos não brinquem, mas eles não brincam com a mesma satisfação. Que outros brincavam. (Entrevistada D)

Neste sentido, a mesma destaca que são construções sociais, ou seja, a criança entra em contato o tempo todo com estereótipos criados pela sociedade e quando chega na escola ela demonstra e expressa o que possui como referência. Desta forma, mais uma vez aparece que cabe à professora mediar e buscar desconstruir esses estereótipos criados e ratificados pela sociedade.

As entrevistadas pensam, que a melhor maneira de aproveitar as situações para mediar as questões de gênero no cotidiano da Educação Infantil, se dá por meio de muita conversa, mediação e momentos dirigidos pensados para desconstruir estereótipos e modelos de ser e estar no mundo que as crianças constroem com a interação com familiares, mídia e colegas da escola.

As mesmas citaram que usam como recurso histórias que mencionam essas questões e também estudos sobre o corpo. As mesmas destacaram que nunca vão além do que as crianças querem saber, pois buscam respeitar o tempo da curiosidade e vontade de conhecer da criança, ou seja, elas mencionaram que não antecipam as coisas. O que elas fazem é não deixar passar em branco as situações quando surgem e desta maneira buscam desconstruir esses conceitos que são construídos socialmente. Me relataram que como as crianças são pequenas elas conseguem desenvolver as mediações e as crianças aceitam e pode-se perceber no

dia a dia a evolução do modo de pensar, expressar, brincar e interagir das crianças depois das mediações das professoras.

Neste sentido as entrevistadas mencionaram que um dos possíveis caminhos do professor (a) de Educação Infantil ao enfrentar as questões de gêneros no cotidiano escolar é sempre buscar mediar e não deixar de dar atenção para a demanda das crianças, pois elas através das suas manifestações corporais e verbais manifestam o que estão sentindo e também o que interpretam do que presenciam como verdades das pessoas referencias para elas. E nesse sentido a entrevistada B, menciona que o possível caminho está além de um currículo.

Acho que não é um tema para ser temática de projeto, não é um tema para ser conteúdo independente de cada escola se organiza no seu currículo, mas acho que é um tema para perpassar toda essa formação que a gente faz o tempo todo com as crianças com essa questão de valores, de formação social, de grupo, de viver em comunidade, acho que ficaria muito mais em um currículo oculto, mas que não é organizado na forma de lista de conteúdo ou trabalhos a serem feitos para isso. Isso acontece o tempo todo com eles. (Entrevistada B)

Percebo que a professora menciona que este mediar está presente o tempo todo da rotina da Educação Infantil, e que mediar as questões de gêneros é algo extremamente necessário pelo fato de ser algo que faz parte da formação da criança como um cidadão de direito e deveres. E que para isso ele precisa ter uma “formação” desde a Educação Infantil, para que desta maneira este individuo possuirá a oportunidade de desconstruir e ver de outras formas as escolhas, as formas de ser e viver no mundo.

De encontro disso a entrevistada C cita,

No respeito. Acho que se a gente ensinar que está tudo bem! Que o errado é tu ferir, tu machucar e que tu podes divergir de opinião sem agredir e machucar. Isso é para a vida! Tu podes ter outra opinião. Tu não podes é ofender aquela pessoa que pensa diferente de ti. Isso é um exercício até para a gente adulto né!? A gente demora para ter maturidade para perceber isso. E o que eu percebo é que a gente não ensina o por que se faz isso. Por que tu fazes isso? Por que tu pensas isso? (Entrevistada B)

A mesma menciona que devemos ter consciência que o que ensinamos através das nossas ações, falas e comportamentos são coisas que ficarão para a vida toda. Devemos ensinar que se deve respeitar as escolhas das pessoas e que

se o colega quer brincar de boneca ao invés de carrinho, está tudo bem, pois foi uma escolha dele e eu devo respeitar.

Neste momento através desta fala podemos perceber a importância que a Educação Infantil tem na vida de uma criança. Pois, esta etapa da educação básica é o momento da vida das crianças, que as mesmas constroem concepções e constituem suas identidades e isso será para a vida toda. Ou seja, é de extrema necessidade refletirmos mais sobre as nossas ações no cotidiano educacional. Precisa-se pensar, discutir e buscar uma melhor compreensão deste nível educacional, pois sabemos que ainda nos dias de hoje muitos educadores não compreendem os seus papéis como professores de crianças pequenas.

Sendo assim, Maria Carmem Silveira Barbosa (2009), disserta sobre o que é e como deve ser as práticas pedagógicas na Educação Infantil,

Nessa perspectiva, as práticas cotidianas na educação infantil incluem momentos de conversa, de histórias, de diferentes modos de brincar e realizar experiências com as linguagens, de higiene das crianças e de organização dos espaços, da elaboração, organização e manutenção dos materiais e dos equipamentos, de alimentação, de horário de descanso, de segurança e de prevenção de acidentes, de prestação de primeiros socorros, de identificação dos mal-estares das crianças. Todas estas ações, e seus detalhes, são práticas pedagógicas no sentido em que as crianças, nesses momentos, estão ludicamente aprendendo e desenvolvendo hábitos, participando de sua cultura e dos modos de viver em comunidade. (BARBOSA. 2009, p. 77)

Como citou, Barbosa (2009) a criança em interação com outras crianças e com os professores estão participando de sua cultura e dos modos de viver em comunidade. Nesses momentos do cotidiano que a professora deve ter bem claro qual é o seu papel com as crianças pequenas, pois as mediações estão presentes o tempo todo. E por meio das interações que surgem situações de falas, organizações do brincar e sobre como eles pensam que deve ser o modo de ser e viver no mundo.

A professora precisa compreender o seu papel e mediar as situações. E as entrevistadas nos mostraram que elas desenvolvem essas mediações. Também precisa ter um olhar sensível para que consiga desconstruir esses padrões pré estabelecidos sobre os modos de brincar, viver e ser no mundo.

Portanto, sabe-se que a Educação Infantil deve ser compreendida como um espaço de direito das crianças, e o que fundamenta esse espaço é o brincar e a interação. Sabe-se ou se deve saber que todas as ações do cotidiano da Educação

Infantil, são momentos pedagógicos e são de direito da criança e dever do professor compreende-las como tais.

A professora deve compreender que o seu papel principal, o de mediador. E dessa maneira deve oportunizar possibilidades para potencializar as potências das crianças. Sempre buscando propor espaços que possibilite a criatividade, exploração e interação com outras crianças, pois as crianças aprendem com a troca de saberes com os seus colegas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa era buscar compreender como são mediadas com as crianças da Educação Infantil as questões de gênero no ambiente escolar. Penso que podemos perceber através da análise das entrevistas que as professoras entrevistadas possuem claramente qual é o seu papel de professora da Educação Infantil. Sabe-se que o papel principal da professora de Educação Infantil é o de mediadora.

O objetivo do trabalho, é como são desenvolvidas as mediações sobre as questões de gênero, e o mesmo pode ser ratificado por meio das análises. As entrevistadas nos narraram e compartilharam como elas buscam mediar essas situações. Mas através das respostas podemos perceber que há uma confusão conceitual por parte delas, as mesmas estão no processo de construção do conhecimento sobre os conceitos que envolvem as questões de gênero. Pois, em algumas vezes expressaram em suas falas esta confusão conceitual.

Sabe-se que gênero é uma expressão que nos sugere uma luta por igualdades de direito entre homens e mulheres. Por este fato que se questiona as relações sociais e os estereótipos que a sociedade destaca. Pois, muitos deles são frutos de construções sociais e opressões masculinas. Ou seja, na escola devemos sempre mediar as situações que manifestam questões de gênero e deixar sempre claro que pensamos em igualdade de direitos e não em diferenciação. Também devemos ter bem claro que quando discutimos sobre as questões de gênero não estamos entrando no quesito de identidade e orientação sexual, pois estas questões fazem parte da sexualidade e ninguém impõe isso a ninguém.

Sendo assim, ficou muito claro através das entrevistas que em hipótese alguma se deixa passar em branco uma situação que aborda questões de gênero, já que as mesmas sabem da necessidade dessas mediações na vida dessas crianças. Mesmo que há em alguns momentos a confusão conceitual podemos perceber que as mesmas citaram que buscam mediar as situações através do diálogo, pois é uma questão que perpassa os planejamentos.

Devemos pensar que se deve sempre colocar a criança em reflexão para ela perceber que ela fala e pensa que determinada situação é certa ou errada pelo fato de ela seguir referências que pensam desta forma. Pensamos que a professora possui este papel de mediar e fazer as crianças refletirem para assim construir suas próprias concepções a respeito da vida e das questões que envolve a mesma.

Também refletimos no decorrer deste trabalho que para a professora perceber as questões de gênero no ambiente educacional, a mesma deve ter construído conhecimento sobre essas questões. Pois se a pessoa não compreende o que são essas questões e como surgem as mesmas ela não terá consciência, e não identificará que determinados momentos do cotidiano surgem situações de manifestações referentes as discussões de gênero. Desta maneira entendemos que é necessário já ter ocorrido a construção do conhecimento e o despertar sobre esta temática, para assim enxergar e ter consciência da necessidade da mediação nos momentos que possuem questões de gênero envolvidas.

Neste sentido, podemos também refletir sobre o espaço que a formação profissional ocupa nesta construção de conhecimento sobre este tema. Pensamos que devemos ter contato com essas reflexões a respeito da temática gênero dentro da sala de aula, através de disciplinas que abordem essas temáticas. Durante o período em que cursei o curso de Graduação em Pedagogia Diurna, tínhamos ofertadas disciplinas complementares com este tema, mas não foram todas as (os) acadêmicas (os) que tiveram oportunidade de cursá-las, mas agora com a nova resolução o curso de Pedagogia Diurna irá ofertar mais possibilidades de estudo sobre esta temática.

Este trabalho foi constituído por inúmeras reflexões. E dessas muitas são pautas de grandes discussões sobre o cenário da Educação Infantil. O mesmo fica para que nunca esqueçamos o nosso papel como professoras de crianças pequenas e também pensarmos que estamos a todo momento em construção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Práticas cotidianas na Educação Infantil - bases para a reflexão sobre as orientações curriculares** -. Brasília: MEC/SEB/UFRGS. 2009. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf > Acesso em: nov. 2018

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988.

_____. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

_____. **Gênero e outras formas de classificação social**. Texto produzido a partir do Curso de Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Racial. 2014. Disponível em: < https://grupos.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1685/mod_resource/content/0/modulo2/mod2_unidade1_texto2.pdf > Acesso em: nov.2017.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNED)**. 1991. Disponível em< <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf> > Acesso em: nov.2017

_____. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, in.: Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file> > Acesso em: dez. 2017

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Vol. I, II, III. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf > Acesso em: dez. 2017

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF. 2006. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf> > Acesso em: dez. 2017

CECHIN, Andréa Forgiarini. **O cotidiano de uma escola infantil e a construção da identidade de gênero**. 1997

CUNHA, Carolina. **Gênero e identidade: Muito além da questão homem-mulher.** Publicado 26/12/2014. Disponível em: < <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/genero-e-identidade-muito-alem-da-questao-homem-mulher.htm> > Acesso em: nov. 2017.

CORSINO, Patrícia. **O cotidiano na educação infantil.** 2006 Disponível em: < <http://www.escolasapereira.com.br/arquivos/175810Cotidiano.pdf> > Acesso em: nov.2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e terra. 1987.

GIDDENS, Anthony. **Conceitos essenciais da Sociologia** / Anthony Giddens, Philip W. Sutton; traduzido por Claudia Freire. – 2. Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2017.

LEITE, C. A. R.; LEITE, E. C. R.; PRANDI, L. R. **A aprendizagem na concepção histórico cultural.** Akrópolis Umuarama, v. 17, n. 4, p. 203-210, out./dez. 2009.

LIMA, Graziela Escandiel de. **Cotidiano e trabalho pedagógico na educação de crianças pequenas: produzindo cenários para a formação de pedagogos.** Tese/PUC/Doutorado em Educação. 2010

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens Qualitativas.** São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.

LUDWING, Antônio Carlos Will. **Métodos de pesquisa em educação.** Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.23, n.2, p. 204-233, jul.-dez. 2014.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes. **Educação Infantil: Fundamentos e Métodos.** - 7. Ed.- São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Ivone Maria dos. **A cultura do consumo e a erotização na infância.** Revista Extraprensa. 2009. Disponível em:< <http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/74369/77997> > Acesso em: ago. 2018

SIGNIFICADOS. Significados de estereótipos. Disponível em < <https://www.significados.com.br/estereotipo/> > Acessado em: dez. 2018.

SILVEIRA, Paulo Ricardo Tavares da. **Pesquisa no ensino médio: tutorial para professores e alunos.** Paulo Ricardo Tavares da Silveira, Silvia Maria Barreto dos Santos, Lisane Félix Veloso. -1 ed. – Curitiba, PR: CRV, 2014. 146 p.

TEIXEIRA, Héliça Carla¹; VOLPIN, Maria Neli². **A importância do brincar no contexto da educação infantil: creche e pré-escola.** São Paulo. 2014.

VARIKAS, Eleni. **Pensar o sexo e o gênero.** Tradução: Paulo Sérgio de Souza Jr. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder.** Cadernos pagu (33), julho-dezembro de 2009:265-283. 2009.

VOGT, Grasiela Zimmer. **Formação continuada de professores e reunião pedagógica: Construindo um estado de conhecimento.** IX ANPED SUL. Seminário em Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012. Disponível em:< <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1068/543>> Acesso em: nov. 2018.

APÊNDICE

APÊNDICE A- Carta apresentação da pesquisa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA DIURNO

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Prezada Diretora Gilselene Alves da Escola Municipal de Educação Infantil Borges de Medeiros, apresento-lhe a aluna Letícia Silveira regularmente matriculada no curso de Pedagogia Diurno, matrícula 2015100010, afim de realizar uma pesquisa com os professores da escola para construir o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O trabalho de pesquisa visa “compreender como são mediadas com as crianças da Educação Infantil as questões de gênero no ambiente escolar”, sendo este trabalho um dos requisitos obrigatórios para a conclusão do curso de Pedagogia

Na expectativa de sua compreensão e acolhida, aproveitamos a oportunidade para expressar nossa admiração, bem como lhe agradecer antecipadamente pela atenção que, por certo, dispensará a nossa acadêmica.

Atenciosamente, Santa Maria, 13 de setembro de 2018

Prof. Dr. Paulo Ricardo Tavares da Silveira

APÊNDICE B- Termo de consentimento livre e esclarecimento.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MEDIAÇÕES DOCENTES

Pesquisador responsável: Letícia Silveira

Instituição: UFSM

Eu Letícia Silveira, responsável pela pesquisa **Gênero na Educação Infantil: mediações docentes**, o/a convido a participar como voluntário deste nosso estudo. Esta pesquisa pretende “compreender como são mediadas com as crianças da Educação Infantil as questões de gênero no ambiente escolar”.

Acreditamos que ela seja importante porque sendo a educação infantil a primeira etapa da educação básica e é justamente nesta etapa que a criança descobre novos valores, sentimentos e costumes. Neste momento desenvolve autonomia, identidade e interação com outras pessoas. Neste contexto se acentua a identidade de gênero. Saber como o professor faz a mediações destas questões é algo fundamental no sentido de colocar em prática o que afirmam os PCNs sobre o trabalho com identidade de gênero.

Para sua realização será feito o seguinte: a pesquisa será realizada através de uma entrevista semiestruturada que será gravada. Sua participação constará de um bate papo onde serão abordadas questões de sala de aula. Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Você tem garantido a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa. **Autorização** Eu,....., após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

Assinatura do voluntário

APÊNDICE C- Entrevista semiestruturada.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Idade:

Qual é a sua formação?

Ano de formação?

Lugar de formação?

Tempo de exercício docente?

Com o exercício docente você tem oportunidade de desenvolver uma formação continuada?

Contextualização do tema

1. O que a expressão gênero te sugere?
2. Você julga pertinente a discussão sobre gênero hoje, por quê?
3. Como você entra em contato com essas questões de gênero?
4. Em que situações você identifica questões de gênero?
5. Você se sentiu preparada para enfrentar estas situações? Porque?
6. Na sua percepção em que situações se manifestam as questões de gênero no cotidiano escolar?
7. Como você aproveita estas situações para mediar as questões de gênero?
8. Qual a reação das crianças mediante a abordagens das questões de gênero?
9. Quais os possíveis caminhos do professor (a) de Educação Infantil ao enfrentar as questões de gêneros no cotidiano escolar?
10. Mediante os alunos de educação infantil como o professor (a) pode desenvolver didaticamente o tema?